

## O MITO DO PORTO SEGURO

Hílton Japiassu

Conta a História do Brasil que Pedro Álvares Cabral desembarcou em Porto Seguro, lugar de calmaria, de tranqüilidade e de segurança. Lugar onde as caravelas portuguesas abrigaram-se, ficaram protegidas contra as intempéries do tempo e as borrascas do mar. Verdadeira ou não essa estória, gostaria de utilizar a metáfora do "Porto Seguro" para postular a instauração de uma **pedagogia da incerteza**, da insegurança e da provisoriidade, incapaz de parâmetros dogmáticos e absolutos ou de verdades definitivas.

Creio ser profundamente lamentável o fato de existir, tanto na história da filosofia quanto na das ciências, uma série de portos seguros aos quais muitos cientistas e filósofos se agarram, por vezes desesperadamente, acreditando neles encontrar proteção e segurança contra as intempéries da crítica e as borrascas do questionamento. Ora, quem acredita em certas verdades científicas ou filosóficas como se elas fossem um porto seguro escondem, no fundo, um medo básico não superado e uma angústia não resolvida. Melhor ainda, fazem delas um **mito**.

Freud não foi o primeiro nem será o último pesquisador da realidade humana a nos mostrar que, dentre todos os animais, o homem é aquele que, ao nascer, encontra-se mais despreparado para a vida. Ele é o mais inacabado e desprovido dos animais. Não passa de um feixe de possibilidades. Seu processo de emancipação é muito demorado. O rompimento do cordão umbilical não o torna ainda um ser humano pleno. Diria que, nele, mesmo na idade adulta, nunca cessa a saudade dos tempos passados. Dormita em cada um de nós a utopia do ventre materno. Sonolenta em todos nós a utopia da infância perdida. Por mais que crescamos e amadureçamos, jamais vencemos completamente essa força inconsciente que nos faz regressir a momentos passados de segurança, quando todos estavam à nossa disposição e a vida parasitária constituía, por assim dizer, a normalidade de nosso cotidiano.

Nosso processo de emancipação é muito duro. É até mesmo doloroso. Porque exige que assumamos o medo, o desamparo e a incerteza. Ademais, exige que assumamos nossa própria condição e nos contentemos com nossa miséria. Temos que aprender a viver na incerteza e na insegurança, pois nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas. E precisamos estar conscientes de que, ao longo dos anos, persiste em cada um de nós a tentação nostálgica da vida parasitária. Assim, é possível que o marido transforme a esposa em mera compensação de suas neuroses ou, então, busque nela o amparo de uma mãe protetora. Também é possível

que um profissional busque em seu emprego ou em seu cargo um simples meio no qual possa afirmar sua insegurança interior.

O que estou querendo dizer é que todos nós levamos uma vida substancialmente incerta. O ambiente familiar pode entrar em colapso, e como tem entrado ! O poder político pode ser repressor e castrador, e como tem sido ! A inadaptação pode surgir a cada momento e apanhar qualquer de surpresa. Os desencontros e as frustrações não poupam nem mesmo os mais aparentemente seguros de si. Nem sempre somos o que aparentamos ser. E raramente sabemos claramente quem somos. E mais raramente ainda, **por quê** vivemos. Até parece que somos vividos, comandados por um **destino** que nos escapa, não nos deixando muitas possibilidades de resistência. Existir, para nós, significa apenas sermos pressionados pela urgência do tempo, num mundo que não mais dominamos, onde não sabemos mais quem somos nem tampouco como podemos falar, muito embora nos vejamos forçados a inventar algo para fazer e sobre o quê pensar, a fim de nos darmos a ilusão de ainda ser livres.

Neste quadro, creio que o neurótico pode ser considerado aquele que não consegue coadunar-se dentro dos limites dos problemas incertos da vida. Seu grande mal consiste em sonhar com a segurança, com a tranqüilidade total e com a felicidade perdida. Quem acredita poder encontrar a felicidade absoluta, vive na esquizofrenia, e não colhe os melhores frutos da relatividade da vida. Está mergulhado no sono dogmático e faz do parasitismo uma norma de ser. E o que busca o parasita na sociedade ? Busca a proteção contra sua angústia básica. Vê nos outros seus inimigos ou adversários, ou então, "matronas" protetoras. A vida real e produtiva, que exige criatividade, não entra em seus planos. Porque ela se baseia no confronto diário da crítica e da autocrítica. E exige que se faça um compromisso entre o factual e o possível.

Assim como todo homem vive diariamente o problema da incerteza e da insegurança, também os cientistas vivem o mesmo drama. Eles fazem compromisso com sua ignorância, com seus limites intelectuais e com os quadros por vezes mesquinhos de sua especialização. Para eles, o mito do porto seguro significa a idéia sempre escondida, em toda produção intelectual, de serem geniais ou de poderem perdurar para sempre. É muito doloroso descobrirmos ou reconhecermos os limites de nosso pensamento. Não é fácil admitirmos a impossibilidade histórica de realização completa de uma verdade ou da objetividade. É penoso termos que aceitar a impossibilidade da coincidência total entre nosso pensamento e o pensado, do encontro de nossas certezas com a evidência, de nosso conhecimento poder esgotar o real. Mas este é o único ponto de partida realista, se é que não pretendemos cultivar, em nós, a paranóia: viver certas possibilidades lógicas como se fossem possibilidades reais. E a universidade pode cultivar em nós esse tipo de paranóia, sobretudo quando tenta incutir nos alunos a espec-

tativa ilusória de estar em condições de poder fornecer-lhes uma espécie de templo sagrado do saber, a consciência de que poderão superar os erros ou de que estarão de posse das chaves da história. Ora, a ciência é um fenômeno social como outro qualquer. Sua organização e seus membros se submetem aos mesmos parâmetros sociais. Há nela dominação, exploração, prostituição, neuroses, estratificações, mentiras, ódios, mistificações, intolerâncias e outras "fraquezas". Os cientistas também formam um grupo de interesses. A neurose começa quando fornecem aos outros a imagem falsa de segurança, a imagem de arautos ou de donos da verdade.

De modo geral, o aluno ingressa na universidade com uma série de estereótipos que se devem, pelo menos em parte, à própria universidade e a seu corpo de professores. Ele espera ser iniciado num tipo de espécie rara podendo criar-lhe a possibilidade de ascensão social. Percebe que, dentre milhões, constitui um indivíduo bastante excepcional. Evidentemente, entre nós, o universitário ainda é um animal raro. E muito mais raro ainda é o professor. No meu entender, o encontro de dois animais raros constitui uma experiência emocionante. O importante é que o professor, em seu trabalho pedagógico, tenha consciência de que também ele padece de insegurança e de incertezas. Mais importante ainda é que ele não veja nos alunos, potencialmente mais indefesos e menos maduros cientificamente, a oportunidade de receber os aplausos que ele não recebe fora de sala, de receber os elogios que seus colegas de profissão lhe recusam sistematicamente ou de alimentar sua autocomplacência de encontrar-se diante de possíveis vassalos. Donde a tentação fácil de apresentar-se aos alunos como porto seguro. Esta é uma ilusão tétrica, pois constitui uma neurose geométrica. Ao invés de propor às "vítimas" apenas instrumentos possíveis e discutíveis de aproximação da verdade, passa a "ensinar"-lhes ou a "transmitir"-lhes a própria verdade ou, então, a verdade de um autor que lhe serve de muleta intelectual. Porque é possível que um professor, não estando convicto de suas próprias posições, faça apelo à proteção de um autor célebre que passa a servir-lhe de "matrona" científica, reduzindo sua função à de mero repetidor ou, quando muito, de fomentador de idéias alheias. Daí para frente, compete aos alunos beberem os ensinamentos do mestre-autor, sem suspeitarem de estar passando por uma terrível deformação intelectual. Começam a viver da ilusão do porto seguro, da falácia das evidências e das teorias certas. Esta pedagogia não forma pesquisadores da verdade, mas seus proprietários. Ora, o espírito de proprietário pedagógico não somente é anti-humano, mas é anti-educativo, porque não podemos aprisionar o saber numa penitenciária da cultura a fim de distribuí-lo em pequenas rações.

Pessoalmente, não estou convencido de que, no plano de nossa atual pedagogia científica, estejamos realmente empenhados em formar a inteligência de nossos alunos, estejamos utilizando nossa ação pedagógica

com o objetivo de promover, inventar ou reinventar nossa cultura, de encarnar a **teoria**, quer dizer, o poder do conhecimento e da reflexão crítica. Pelo contrário, escandaliza-me o fato de estarmos reduzindo a **educação** a mero **ensinar** o já sabido, a um simples **transmitir** o já estabelecido ou a puro **veicular** informações que não formam e a **reproduzir** o já produzido. Com isso, ensinamos a **conhecer** alguma coisa, mas nos impedimos de **pensar**. Ora, o pensamento é um trabalho. Não se limita a mera apropriação de dados empíricos ou conceituais. Sua tarefa fundamental consiste em transformar o não-sabido num saber produzido, em transformar o "saber" do senso comum, da experiência imediata, num saber mediatizado pela reflexão. Por outro lado, não creio que ninguém possa educar-se com idéias ensinadas. Se temos de ensinar algo a nossos alunos, que lhes ensinemos a pensar, que lhes ensinemos a aprender, a se construírem e a se reconstruírem, a fazerem perguntas e a questionarem o já sabido. Porque constitui tarefa do educador provocar nos alunos desequilíbrios ou necessidades psicológicas, desejo de pesquisa, espírito de busca, sede de descoberta. Porque a ação educativa sempre supõe a reforma de uma ilusão, um processo contínuo de retificação das ilusões perdidas. A verdade só pode ser alcançada após um verdadeiro arrependimento intelectual.

Outra tarefa do educador consiste em duvidar de si mesmo, em saber criar dificuldades reais, em eliminar os falsos obstáculos e as dificuldades imaginárias. Não lhe cabe tanto levar os alunos a adquirirem uma cultura científica, quanto colaborar e criar as condições para que eles mudem de cultura. Precisamos dar à nossa razão razões para evoluir. O estado adulto só pode significar a morte do pensamento. Nossos alunos não vêm a nós com as cabeças "desocupadas". Suas cabeças são inacabadas. A sociedade e a escola querem "ocupá-la" pelo ensino, pela instrução: pedagogia do inculcamento, da catequese intelectual. Donde a necessidade de se psicanalisar os educadores, para que se libertem, pelo menos, do autoritarismo e do dogmatismo. Ora, o mestre que não consegue ser aluno, que não se reconhece em certo estado de infância cerebral, deveria ao menos ter a lucidez de aposentar-se. Vejo no dogmatismo de um saber definitivo os sintomas mais evidentes de uma ciência em estado de agonia. A pretensa maturidade intelectual constitui apenas um obstáculo entre outros. E a famosa cabeça bem arrumada, bem estruturada, orgulho de todos os sistemas de ensino, não passa de uma cabeça desarrumada, malfeita, fechada, produto de escola ou de modelagem, tendo necessidade de ser refeita.

É possível que certos alunos, ao ingressarem na universidade, alimentem ilusões iniciais. Por exemplo, a de que a ciência se impõe como o paradigma por excelência de toda verdade, tendo condições de salvar o mundo. Ora, a ciência nunca salvou nem vai salvar o mundo. Pelo contrário, se pensarmos em seu produto mais sofisticado, que é a tecnologia,

veremos que esta aperfeiçoou, sobretudo, os instrumentos de morte. Já se fala até mesmo numa **tanatocracia** da ciência e da técnica, que compõem uma "cidade de extralúcidos regionais ( os cientistas ), embora cegos à totalidade" ( M. Serres ). Esta tanatocracia está gerando uma poluição ideológica, uma poluição cultural aparentemente incontrolável. Vivemos hoje num mundo dominado pela máquina e pela idéia de máquina. Ora, as máquinas estão a serviço de uma **função**, não de um projeto humano. É claro que a visão aristotélica, segundo a qual os filósofos seriam moralmente melhores do que os outros cidadãos para o exercício da Política, pode constituir um estereótipo interessante para certos intelectuais, mas creio que ela nos leva à paranóia.

Quanto a mim, creio que nenhuma opção crítica, nos alunos, pode nascer, quando os professores lhes ministram um conhecimento que seria a expressão da verdade objetiva. Porque uma opção crítica só pode surgir da incerteza das teorias estudadas. Se estas já fossem certas e objetivas, retirariam qualquer possibilidade de se optar. Portanto, constitui um atentado contra o processo de maturação intelectual dos educandos toda pedagogia tentando inculcar-lhes a ilusão da verdade. Ao contrário, a pedagogia da incerteza tenta relativizar a produção científica e a do ensino das ciências. Porque esta é uma das condições para que os alunos desenvolvam sua capacidade crítica, assumam-se como personalidades individualizadas e criativas, capazes de não viverem apenas à sombra dos professores, dos autores célebres que lhes serviriam de muletas ou de uma escola de pensamento que os enquadraria em esquemas mentais rígidos e dogmáticos. Para mim, o gosto amargo da incerteza e a dor íntima do desamparo frente a uma aprendizagem relativizante, incapaz de parâmetros absolutos e de dogmatismos catequéticos, são extremamente saudáveis. Porque é na angústia da incerteza das teorias estudadas, no fato de se sentirem perdidos em seu processo de crescimento intelectual e na descoberta por vezes decepcionante de que não existe porto seguro no domínio do conhecimento, que os alunos terão condições de se deixarem possuir pela vida, se é que pretendem possuí-la.

A pedagogia da certeza, ao contrário, funda-se no mito do saber objetivo que, por sua vez, acredita que o cientista é quem melhor encarna os valores das formas modernas da ideologia dominante: a especialização e a competência. Portador de uma verdade "objetiva", "demonstrada rigorosamente", "politicamente neutra", o cientista cauciona as tentativas da classe dominante para mascarar a opressão e a exploração por detrás das pretensas necessidades técnicas e racionais. Assim, ocultam-se facilmente os mecanismos de opressão dos homens por outros homens, por detrás da aparência de uma opressão pelas coisas. A este respeito, já nos alertava Bertold Brecht: "Quanto mais extraímos coisas da natureza, graças à organização do trabalho, às descobertas e invenções, mais caímos na inseguran-

ça da existência. Não somos nós quem dominamos as coisas. São elas que nos dominam. E isto ocorre porque certos homens, através das coisas, dominam outros homens. Se quisermos aproveitar, enquanto homens, de nosso conhecimento da natureza, precisamos acrescentar a nosso conhecimento da natureza o conhecimento da sociedade humana” ( *L’achat du cuivre*, trad. fr. 1970, p. 53 ).

A História nos mostra que os homens sempre se mataram por **interesse**. Mas eles também se mataram por **dogmatismo**. A este respeito, nada é mais perigoso, para o homem, reconhece François Jacob ( *Le jeu des possibles*, 1981, p. 12 ), do que “a certeza de ter razão”, do que a certeza de ser dono da verdade, de encontrar-se ao lado da objetividade, da realidade, do racional. Por outro lado, nada parece tão destrutivo quanto a obsessão de uma verdade considerada como absoluta. “Todos os crimes da história, prossegue F. Jacob, são conseqüências de certo fanatismo. Todos os massacres foram realizados por virtude, em nome da religião verdadeira, do nacionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, do combate contra Satã” ( *Ibid.* ).

Donde a necessidade de estarmos conscientes de que, tanto a verdade filosófica quanto a científica, são verdades que possuem um futuro. Aparentemente, estaríamos diante de um tipo de relativismo: a verdade atual engendrará desenvolvimento e modificações, quer dizer, não é estritamente falando, verdade. No entanto, o que pretendemos afirmar é que não pode haver verdade **absoluta** no domínio do conhecimento humano, no sentido em que seria o ponto final, o ponto de perfeição do conhecimento. Porque ela é sempre etapa de um processo de constante aproximação. Queremos dizer, em outras palavras, que a verdade é uma realidade **histórica**. E é neste sentido que ela é **relativa**. Pois nos leva a admitir a provisoriidade de todo e qualquer modelo explicativo. Isto nada tem a ver com o relativismo epistemológico, posto que uma verdade pode muito bem ser relativa sem, no entanto, deixar de ser absolutamente verdade. Não negamos absolutamente a verdade, o que seria outra forma de dogmatismo. Mas a introduzimos no tempo humano, o único que conhecemos. A temporalidade da verdade introduz uma revolução no pensamento: não se trata de tudo negar, repetindo a dúvida sistemática dos céticos ou reeditando a **tábula rasa** da dúvida metódica, mas de tudo aceitar por um pensamento cuja fecundidade está justamente em suas tentativas constantes de aproximação da verdade. Quanto à verdade absoluta, ela não constitui a medida nem tampouco o juiz da relatividade das verdades: constitui apenas a **superação** dessas verdades, superação que se enriquece constantemente.

Por conseguinte, o processo de estabelecimento de uma verdade filosófica ou científica é infundável. Neste domínio, a evidência só pode ser engano ou um dogma. E a certeza só pode ser credulidade ou cegueira.

Apoiar-se numa verdade como em um absoluto, é realizar uma censura cuja legitimidade não conseguimos fundamentar. Toda verdade absoluta converte-se em superego opressor e castrador, vindo em todo erro uma heresia, e não uma força criadora. Ora, epistemologicamente, o erro não é um defeito inerente à natureza humana, mas uma condição **sine qua non** da descoberta provisória de uma verdade parcial e regional, pois esta nada mais é que um conjunto de erros retificados. Entre as várias formas de ilusão, uma consiste em admitirmos que a verdade humana possa ser absoluta. Isto nos levaria a admitir, de um lado, a ilusão da totalização, do outro, a falácia da unificação. Ora, no plano do conhecimento, é impossível a existência de uma totalidade dada, tampouco de uma dimensão fundacional absoluta na qual tudo poderia ser reduzido à unidade. Que sacrilégio haveria em admitirmos que a verdade humana é filha do tempo? Se ela não tem um futuro, passa a ser aceita como mito e é convertida em **porto seguro**.

Ora, um conhecimento totalmente verdadeiro, inteiramente acabado e securizante, dotado de parâmetros absolutos, só pode constituir um **mito**. Sob certos aspectos, o mito e a ciência desempenham uma função idêntica: fornecem ao espírito humano certa representação do mundo e das forças que o animam. Assim, muitos historiadores defendem a tese de que a estrutura do mito encontra-se na origem e tornou possível a ciência moderna. Esta se funda, em última análise, na doutrina segundo a qual o universo foi criado de modo ordenado por um Deus permanecendo fora da natureza e governando-a por leis acessíveis à razão humana. E uma das principais funções do mito consiste justamente em ajudar os homens, em sua busca constante de uma representação do mundo unificada e coerente, a suportarem a insegurança, a incerteza, a angústia e o aparente absurdo de sua condição. Ademais, o mito tem condições de conferir um sentido à visão desconcertante que os homens elaboram a partir de suas experiências vividas. Apesar das incertezas, das vicissitudes, do sofrimento e da miséria que os homens experimentam, o mito vem torná-los confiantes na vida. O mito elabora uma visão do mundo inteiramente ligada à vida cotidiana e às emoções humanas. Constrói uma história da qual os homens tiram conclusões sobre o mundo. E essas conclusões estão impregnadas de um forte conteúdo moral. Todo mito secreta seus próprios valores. Ademais, tem necessidade de elaborar uma representação unificada e coerente do mundo. A ausência dessa representação acarreta a ansiedade e a esquisofrenia. Daí a tentativa de todo mito de descobrir uma ordem no caos do mundo, de explicar os fenômenos visíveis por forças invisíveis, de articular o observado com o imaginado, de considerar as "coisas" como efeitos tangíveis de causas ocultas.

Precisamos reconhecer modestamente, e uma vez por todas, que não existe mais um conceito absoluto de verdade. De forma alguma isto quer dizer que neguemos absolutamente a verdade, o que seria outro

tipo de posição dogmática ou de obscurantismo. Significa que a noção de verdade deve ser introduzida no tempo humano. Não pode escapar à categoria da temporalidade. É neste sentido que toda verdade humana é feita de certas idéias **verificadas**, feitas verdadeiras. Uma verdade congelada torna-se uma anestesia intelectual. Seu efeito paralisante gera inúmeras doenças do espírito, entre as quais, a paralisia adulta da inteligência. Por outro lado, uma vez que estamos condenados a viver num mundo plural, a conviver com um mundo no qual coexistem diferentes formas de discursos, várias maneiras de se conceber o homem e a própria verdade, nosso conhecimento humano deve ser tomado como objeto de **pesquisa**, não de revelação. Quem, do ponto de vista do saber, só pode andar de corrimão ou amparado por muletas, está despreparado para a vida, é vítima de paraplegia intelectual. A angústia da incerteza e a descoberta tão decepcionante de que nossas verdades não constituem a verdade, são elementos constitutivos da processualidade de nossa razão. A processualidade do saber, quer científico quer filosófico, de forma alguma vem denegrir a ciência e a filosofia. Pelo contrário, vem reconhecer seu verdadeiro estatuto. Só se sentem denegridos os cientistas e filósofos obtusos e dogmáticos. Porque, no fundo, não querem ver morrer seus ídolos. Ora, se a ciência e a filosofia constituem uma miséria ordinária, ainda assim valem como miséria. A paranóia começa quando nelas se vê o reino da abundância.

Portanto, em nosso conhecimento humano deve prevalecer a abertura. Neste domínio, a submissão ao imprevisto deve primar sobre o resultado. E o provisório deve primar sobre o eterno. Porque uma das funções de todo conhecimento humano consiste em delimitar o campo do possível, não em fixar a idéia de uma verdade intangível e eterna. É claro que o conhecimento científico constitui um esforço para libertar-se de toda subjetividade, de toda emoção e das contaminações ideológicas. Também é verdade que o cientista faz um enorme esforço para subtrair-se do mundo ou do real que procura explicar ou compreender. Mas trata-se de um estratagema que ele utiliza para analisar o que considera “o mundo real”, o “mundo objetivo”. Este mundo seria desprovido de alma e de espírito, de alegria e de tristeza, de desejo e de esperança. Ademais, estaria inteiramente dissociado do mundo familiar de nossa experiência cotidiana. E isto, como se fosse possível o estabelecimento de uma fronteira rígida entre o observador e o observado, entre o mundo objetivo e o subjetivo.

Ora, se a pretensão da ciência consiste em descrever a natureza e em distinguir radicalmente o sonho da realidade, nem por isso nos devemos esquecer de que os homens têm tanta necessidade de sonho quanto da realidade. Além disso, sempre é uma esperança que confere sentido às suas vidas. E um dos fundamentos de nossa esperança reside justamente em aceitarmos a perspectiva de, um dia, podermos transformar este mundo

presente em um mundo possível que seja melhor. Não temos o direito de identificar pura e simplesmente **ciência** com **saber objetivo**. Esta identificação conduz ao dogmatismo segundo o qual somente os cientistas poderiam dizer o que é **bom** para cada um de nós, porque somente eles conhecem o que é **verdadeiro**. É por isso que todo cientista é um tecnocrata em potencial: da análise daquilo que é à postulação daquilo que **deve ser**, a distância é quase nula. Não é nosso intuito aprofundar essa questão aqui e agora. Já estudei-a melhor em **Questões epistemológicas** ( Imago, Rio, 1981, p. 66 – 91: “A ideologia do conhecimento objetivo” ). A este respeito, gostaria de mostrar três implicações fundamentais:

1. Segundo muitos “pedagogos científicos”, todas as formas de saber que não se submetem docilmente aos cânones, às regras e aos ditames da racionalidade objetiva, devem ser proscritas do reino do conhecimento válido. Porque pertencem ao domínio das opiniões, dos juízos de valor. Numa palavra, são conhecimentos subjetivos, egocêntricos, só dizendo respeito ao **vivido** e às suas formas de apreensão do real. Instaura-se, assim, uma barreira intransponível entre o conhecimento científico e tudo o que se diz, se pensa ou se escreve fora desse saber instituído e institucionalizado. E um dos efeitos mais patentes dessa dicotomia, é impedir que as ciências venham a assumir uma postura crítica, posto que estariam concentradas nas mãos de uma comunidade científica autogovernada, não tendo necessidade de colocar-se questões sobre a interpretação das ciências e da ordem social no nível do conhecimento, ou mesmo, sobre o lugar social dos cientistas no nível estrutural.

2. Se um dos objetivos centrais dessa dicotomia consiste em desacreditar tudo o que não merece o rótulo de “científico”, não vejo como não venha ela instaurar um verdadeiro processo inquisitorial contra as possíveis infiltrações da subjetividade, dos sentimentos, das necessidades, dos desejos, numa palavra, do **vivido** e de todas as suas manifestações. E tudo isso, em nome justamente das exigências “objetivas” da “realidade”. É em nome desse “realismo” que se chega até mesmo a justificar a opressão e a repressão. Porque o saber instituído e institucionalizado só pode aceitar como válido o que estiver fundado na realidade objetiva dos fatos, tal como ele a capta e vê, vale dizer, conhece. E é por detrás dessa distinção que funciona a ideologia dominante do saber. O pensamento é cortado em duas regiões estranhas e impenetráveis: de um lado, a que se situa **fora** da realidade ( onde podemos alimentar nossos sonhos, nossas aspirações e levar adiante nossas idéias ); do outro, a que se situa **dentro** do real ( onde se faz ciência, onde se conhece objetivamente e se instala a verdade ). Teríamos dois domínios hermeticamente fechados um ao outro: verdade e valores. No meu entender, esse dualismo epistemológico só pode ser conseqüência de uma mentalidade esquizóide.

3. Tal posição dicotômica se revela extremamente útil para o uso político que dele pode e é feito com frequência. Ademais, ela se inscreve diretamente no contexto de uma oposição semântica entre **sujeito** e **objeto**, bastante determinante na regulação de numerosos discursos “acadêmicos” no campo epistemológico ou, mais restritivamente ainda, metodológico. O que dizem tais discursos? Essencialmente que, de um lado, encontra-se o **sujeito**, portador de necessidades e de aspirações que se traduzem em **opiniões**; do outro, situa-se a realidade sócio-econômica ( o **objeto** ), a única realmente objetiva e, por conseguinte, verdadeira. Onde ser, não somente normal, mas necessário, o banimento de toda expressão individual, notadamente quando for susceptível de constituir um obstáculo ao bom funcionamento da ordem estabelecida. Assim, quando for do interesse da **realidade**, manipula-se sem constrangimento e sem escrúpulos as opiniões, as necessidades e os indivíduos. Porque tanto a opressão quanto a repressão dos indivíduos precisam ser justificadas e legitimadas fazendo-se apelo a argumentos **realistas**. E tudo isso é feito como se a vida e a morte dos indivíduos não constituíssem parte integrante da realidade. Pelo fato de se alinharem do lado da subjetividade, dos sentimentos, das opiniões e dos valores, não têm o direito de prevalecer sobre a **razão** e sobre as exigências objetivas da realidade: estabilidade social, expansão econômica, equilíbrio de forças etc. No entanto, convém ressaltar que, sem constituir a **causa** de uma política opressora e repressiva, esse dualismo é frequentemente utilizado como a grelha através da qual se manifesta a realidade política, pois é ele que lhe fornece a justificação e sua aparente racionalidade.

Vimos que, em seu esforço para encontrar uma ordem no caos do mundo, a teoria científica opera segundo o mesmo princípio do mito: explicar o mundo visível por forças invisíveis. Ela explica um fenômeno considerando-o como o efeito visível de uma “causa” oculta. O cientista articula o que ela observa com o que imagina. Antes de observar um fenômeno, já possui certa idéia do que deverá ser observado, vale dizer, já decidiu o que será possível e já possui certa idéia do que poderá ser a “realidade”. O cientista já possui certa concepção do desconhecido, desse domínio situado para além do que o autorizam a crer a lógica e a experiência. Numa palavra, a pesquisa científica começa sempre pela invenção de um mundo possível, ou de um fragmento de “real” possível. Por outro lado, a tendência da comunidade científica é a de recusar os caminhos não racionais do conhecimento ( poético e místico, por exemplo ). Na teoria, ela é tolerante em relação ao que se passa em seu seio. Para ela, o progresso consiste em conhecimentos novos, por vezes colocando em questão as teorias admitidas. E é levada a crer que o dogmatismo encontra suas origens nos meios não científicos. Por exemplo, a Igreja condenou Galileu; os grupos religiosos “fundamentalistas” do sul dos Estados Unidos impuseram a proibição do ensino da teoria da evolução até 1967 em certos Estados; a

Alemanha nazista condenou a "ciência judia"; o marxismo-leninismo de Stalin, sob o impulso de Lyssenko, tentou desacreditar incontestáveis aquisições da teoria da evolução, em nome da crença na hereditariedade dos caracteres adquiridos.

A propósito desses exemplos, a comunidade científica vem-nos lembrar sua própria tolerância, sua abertura de espírito, sua inaceitação do dogmatismo. Todavia, não podemos deixar de perceber sombras dogmáticas no quadro da tolerância científica. Bastaria citar algumas reações violentas de cientistas quando certas descobertas vêm de encontro às suas opiniões sociais ou culturais. Ademais, a tendência ao dogmatismo é muito forte quando os interesses econômicos se conjugam com a idéia segundo a qual o homem se encontra na terra para dominar a natureza. E o dogmatismo da ciência se torna muito mais patente quando ela mesma cria, baseada no sucesso espetacular de seu método experimental e dedutivo, sua ideologia própria, o **cientificismo**, possuindo várias características de uma religião. O poder do cientificismo reside, para o grande público, no prestígio da ciência e em seus êxitos retumbantes. Parece que ele tem mais força que as religiões tradicionais. E impera em quase todos os domínios da educação.

No entanto, o grande público, muito embora lhe sejam ensinados certos resultados simples e espetaculares da ciência, ignora quase por completo o que vem a ser a ciência enquanto método. Mesmo nas universidades, a ciência é ensinada dogmaticamente, como uma espécie de verdade revelada, como uma espécie de magia negra, sua autoridade sendo ao mesmo tempo indiscutível e incompreensível. Neste sentido, o cientificismo é tão intolerante quanto as religiões tradicionais que pretendeu suplantare. Ademais, não se limita a afirmar que somente seus próprios dogmas são verdadeiros, mas está convencido de não encontrar-se fundado em nenhum dogma, unicamente na Razão. Todavia, embora não estejam codificados em parte alguma, os dogmas do cientificismo existem implicitamente no espírito de muitos cientistas, tecnólogos e "experts". Formulemos, de modo extremado, alguns desses dogmas, chamando a atenção para o fato de constituírem estados limites de certas tendências mais ou menos acentuadas na maioria dos cientistas.

### **Primeiro Dogma**

**Somente** a ciência pode constituir um meio válido de um conhecimento verdadeiro e real, racional e objetivo. Apenas o que puder ser formulado quantitativamente ou ser formalizado, tem condições de constituir o conteúdo de um conhecimento verdadeiro. Tal conhecimento, denominado "objetivo", é universal, válido em todos os tempos e lugares, para além das sociedades e das formas particulares de cultura. Ficam excluídas do domínio do conhecimento verdadeiro, as sensações e as experiências como o amor, a emoção, a beleza, o prazer e a dor. Ademais, esse dogma

postula que a moral se converta, na prática, à metodologia científica, de sorte que a ciência se tornaria o fundamento da moral.

### **Segundo Dogma**

**Tudo** o que pode ser expresso de modo coerente em termos quantitativos, ou pode ser repetido em condições de laboratórios, constitui objeto válido do conhecimento científico. A verdade se identificaria com o conhecimento científico.

### **Terceiro Dogma**

Os átomos, as moléculas e suas combinações poderão ser descritos segundo as leis matemáticas da física das partículas elementares; os organismos celulares poderão ser descritos em termos de populações de células; o pensamento e o espírito, inclusive todas as experiências psíquicas, poderão ser explicadas em termos de circuitos de células nervosas; as sociedades animais e humanas, bem como a cultura, poderão ser entendidas em termos dos indivíduos que as compõem. Assim, toda a realidade humana, compreendendo a experiência e as relações humanas, os acontecimentos e as forças sociais ou políticas, deve ser expressa em linguagem matemática, em termos de sistemas de partículas elementares. Nesta visão do mundo, não pode existir uma noção como a de finalidade. Toda alusão a uma explicação finalista dos fenômenos naturais fica afastada com desprezo.

### **Quarto Dogma**

O conhecimento, tanto para o seu desenvolvimento, quanto para a sua transmissão, deve ser cortado em numerosas fatias: primeiramente, em domínios amplos ( matemática, física, química, biologia, sociologia, psicologia etc. ), em seguida, esses domínios são subdivididos em especialidades cada vez mais reduzidas. De forma que, para qualquer questão de determinado domínio, só é pertinente a opinião do **expert** desse domínio. A consequência desse dogma é a seguinte: somente a ciência e a tecnologia podem resolver os problemas humanos, sejam eles sociais, políticos, morais ou psicológicos. Porque somente os **experts** estariam qualificados para tomar decisões, visto que somente eles "sabem". Todavia, nos setores em que a realidade é complexa, superando o nível de competência de um único **expert**, resolve-se essa dificuldade pela introdução de outro tipo de **expert**: "o **expert** em decisões".